

LUIZ DELFINO

QUINZE DE NOVEMBRO DE OITENTA E NOVE

A' America

CERC

Biblioteca Central - UFSC

Nº 169.580-1

Data 24 / 06 / 88

## AVISO DO EDITOR

---

Podemos obter do grande poeta brasileiro, nascido na capital do Estado de Santa Catharina, o consentimento para ir publicando um a um os seus hymnos de liberdade, que commecam no *Grito de Guerra*, dedicado á Italia, e continuam até este canto triumphal.

O soberbo improviso tem a nota vibrante, metallica, ruidosa e mascula que faz vibrar a alma popular na *Marselhesa*.

O pensador tambem não o ouve indifferente: a mais alta philosophia e a mais arrojada aspiração moderna incrustam-se nas suas estrophes.

Quando, calma e sem paixões, a critica da historia julga-o no futuro, encontrará nelle um dos espiritos mais ousados destes tempos, e um dos videntes do acto de 15 de Novembro, para o qual como poeta poucos terão concorrido com tanto enthusiasmo e com tão longa firmeza de convicções.

E' com homens de sua estatura que o Brasil se hade reconstruir, é com elles que hade persistir no caminho de assombros com que faz pasmar o mundo.

G. DE ARAUJO

DE REC  
269.0 (P.16.4)  
10349<sub>a</sub>

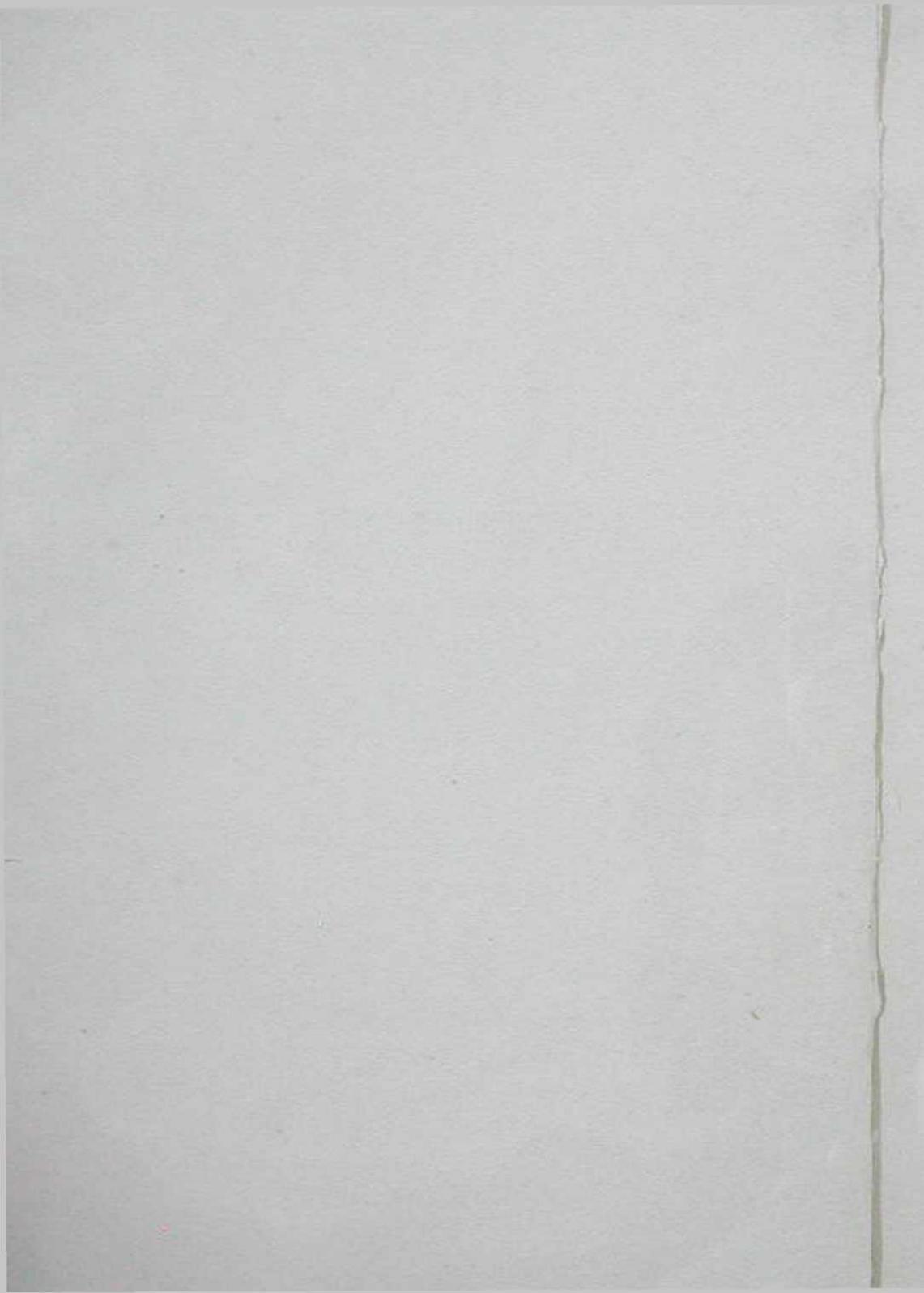
U. F. S. C.  
BIBLIOTECA CENTRAL  
Reg. n.º 73  
2910-74

504  
H.90

SC-00002608-6

U. F. S. C.  
BIBLIOTECA CENTRAL  
Reg. n.º \_\_\_\_\_

QUINZE DE NOVEMBRO DE OITENTA E NOVE



# A' AMERICA

---

## O BRASIL NOVO

Livre enfim dos seus ultimos ferros,  
Das cadeias mais vis desatado,  
Calmo, forte, invencivel, ao lado  
Dos irmãos desta America o vês :  
Livre, em pé, ante o mar menos livre,  
Não lhe enturva a vergonha o semblante,  
De ter elle— tão grande e possante —  
Um senhor, que o avassalla, em seus reis.

Levantado em seus montes, e serras,  
Do aureo plintho de folha e granito,  
A aguia branca, que roça o infinito,  
Vê subir; e ellê inveja não tem :  
Rubra aurora, que o cinge, e o encontrava,  
Hirta a fronte, empanada de pejo,  
Sente, que hoje, imprimindo-lhe um beijo,  
Beija a fronte de um livre tambem.

Já não mancha esta America vasta,  
 O Brasil, vasto, enorme colosso,  
 Aço rude de escravo ao pescoço,  
 No olhar largo de um deus o pezar :  
 O farrapo de tréva deixado,  
 Pelo tempo já ido, em seu dorso,  
 N'um momento, n'um ultimo esforço,  
 Sacudiu em mil voltas no ar.

Renascemos p'ra America livre :  
 Viva a America livre e sem peias :  
 Fundam todos as velhas cadeias,  
 Peso ignobil na nossa cerviz :  
 Tudo á forja ; renove-se tudo,  
 Da cidade ao recesso da matta,  
 Desde as cristas dos Andes ao Prata ;  
 Arda em luz toda nova o Paiz.

Liberdade, ó gentil foragida,  
 Deusa austera entre as deusas austeras,  
 Tu chegaste, e contigo outras éras,  
 Outros sóes, outros céus mais azues :  
 Ha no ambiente uns aromas mais novos,  
 Bater d'azas á borda dos ninhos...  
 Listrões d'oiro bordando os caminhos :  
 Luz, mais luz... muita luz... muita luz...

Ha rosaes pelas bocas sangrentas  
De suas rosas cantando perfumes...  
Dansa louca de estrellas e numes,  
Dansa louca de ondinas e sóes...  
Canta, envolto nas algas e espumas,  
O hombro nú, verde, um pouco de fóra,  
Mesmo o oceano, que ri e que chora,  
Chora e ri, junto á praia, entre nós.

Astros d'oiro, estrellados abysmos,  
Reis e deuses, é livre, quem pensa,  
E não tem outra fé, outra crença,  
Outro amor, e esperança não têm,  
Que não seja esta luta perenne,  
Contra vós fatalmente levada :  
Deus, és tu, Liberdade, e mais nada :—  
Céu, és tu, ó conquista do Bem.

Viva a America livre entre os povos,  
Livre e só entre os mais continentes :  
Honra e gloria ao immortal Tiradentes ;  
O patibulo hoje é o seu pedestal :  
Honra e gloria aos soldados da patria ;  
Honra e gloria a este povo sublime,  
Que dos reis, que dos vis se redime,  
Calmo ainda na ebriez triumphal.

Oh! Romano, a virtude é só nome?  
Tu negando-a, affirmaste a virtude:  
Dás na acção, e na doce attitude,  
Brasil livre, e senhor dos teus reis,  
Um exemplo inda novo, e não visto:  
Esta terra, esta gente, este raça  
Arroubada a este sópro, que passa,  
Ser o espanto do Tempo vereis.

Esta grande conquista foi nossa...  
Nossa emfim: nenhum rei nol-a tira:  
Nem o poeta a renega na lyra,  
Nem a historia ha de, infame, a negar:  
Fomos nós, que esta patria avivámos:  
Fomos nós, que a fizemos de novo:  
Gloria! Gloria á conquista do povo,  
Que rompeu a prisão secular.

Maldição sobre as fronte vergadas,  
Sobre as mãos estendidas, buscando  
Vida, sangue em cadaveres, quando  
Tudo é grande— olha em torno e verás:  
Tudo é grande, e cascalham risadas,  
Que andam rindo já dentro da historia,  
Que recolhe este dia de gloria,  
Obra nossa, e de avós, e de pais...

Rei? Não mais: não queremos; não vinga  
 Entre nós essa raça maldita,  
 Que só crê, pensa, e sonha, e medita,  
 Ter no povo, que a soffre, uma grey;  
 Planta exótica e má d'outras zonas,  
 D'outros céus, d'outros sóes, d'outra esphera,....  
 Quem de um rei senão ferros espera?  
 Bastou já: não queremos mais rei.

Que é um rei?— E' um idolo apenas,  
 Que a ambição e a ignorancia levanta,  
 A que o bravo não dobra uma planta,  
 Baixo culto dos timidos só:  
 Vulto erguido no meio dos póvos,  
 Como a syrte nos mares deitada,  
 Onde a vaga, que a toca, esmagada,  
 Não é mais vaga, é uma nuvem de pó.

Sabeis vós, pobres póvos incautos?  
 Antes que um grande povo appareça,  
 E o homem possa erguer alto a cabeça,  
 Possa ver d'alto auroras e sóes,  
 Quanto ferro batido no ferro,  
 Quanto sangue innocente esgotou-se;  
 Como flôres cahidas á fouce,  
 Quantas frentes cahiram de heróes!

Não queremos mais rei, o mais sabio,  
 O mais justo, o mais forte, o mais casto :  
 Salomão com juizo tão vasto,  
 Com leis nóvas um nôvo Moisés :  
 Mesmo Deus, que outra vez se lembrasse  
 De ser rei, e entre estrellas surgisse,  
 Bello, grande, amor todo, e meiguice,  
 Não golpeadas as mãos, nem os pés.

Não— Ninguém tente a empreza arriscada  
 De irritar o Leão generoso :  
 Ninguém tome o seu calmo repouso,  
 Como falta de audacia : olhai bem :  
 Pôr-lhe um rei hoje ao alcance das garras !...  
 Dize ao raio, buscando-te, espera :  
 Passa illéso atravez da cratera :  
 Mas não tente esse crime ninguém !

Norte e Sul n'um amplexo eviterno,  
 N'um delirio de crença e igualdade,  
 Jurem todos por ti, Liberdade,  
 Jurem todos viver ou morrer :  
 E se um dia, no campo da luta  
 Alguem ouse atacal-o, cobarde !  
 Saiba o culto, que n'alma nos arde,  
 Sinta, como é cumprido um dever.

Brasileiros, guardemos unidos  
O torrão desta patria querida :  
Dêmos tudo que é seu, alma e vida;  
Tudo á patria é preciso entregar :  
Tudo é della : a ella tudo devemos :  
Esta patria hoje é nossa de todo :  
Arrancou-se este escriptorio do lodo,  
Arrancou-se esta perola ao mar.

Velhos reis medievaes, velhas raças,  
Entre aneio, entre susto, entre pasmo,  
O Brasil, com seu calmo entusiasmo,  
Grande assim, não podieis suppor :  
Vistes, forte, explosir de improviso  
Quem vós crieis tão baixo e tão nullo!...  
Assim rompe de negro casulo  
Flôr aerea de esplendida côr.

Assim rompe uma estrella a Colombo,  
Outros sóes se constellam no espaço,  
E d'entre algas, coráes, e sargaço,  
Outro mundo apparece a Cabral ;  
Assim surge essa nova bandeira  
De repente por terras e mares...  
Dize aos povos, por onde passares,  
Que és de um povo já livre o phanal.

Levas tu uma nesga vermelha,  
 Que recorde o ser livre, o que custa?  
 Muito sangue, que a raça robusta  
 Deu á terra, e que á terra ha de dar :  
 Preito ao sangue de heróes deslembrados,  
 Nos calvarios das forcas trepando :  
 E' assim, pavilhão venerando,  
 Que ir tu deves por terra e por mar.

E's a paz, ó bandeira da patria?  
 E's a paz:— mas a paz aconselha,  
 Que o clarão dessa auróra vermelha  
 Deve em todos os céus resplender :  
 Mostras nelle a lembrança do sangue,  
 Que, se agora não foi derramado,  
 Rios delle ha comtudo custado :  
 E ainda ha sangue, inda ha sangue a perder!...

Que cadeias nos cercam, que fios  
 Invisiveis, como hera selvagem,  
 Que entre fendas buscando passagem  
 Muros prende, que em torno abrangeu :  
 Que heras doidas envolve/nossa alma! /  
 Somos livres, mas fomos escravos :  
 E inda temos as pontas dos cravos  
 Que pregaram em cruz Prometheu.

E inda resta essa velha attitude  
D'alma humana esmagada e vencida :  
Triste sim!, Liberdade querida,  
Largo tempo esse gέsto has de ver :  
Bate á malho Canôva o Carrara,  
Berrecil bate a prata á martello ;  
Cada golpe é o vagido do bello ;  
N'alma humana é preciso bater.

E a alma humana desperta e festeja  
Seu primeiro triumpho ; ella sente  
Ser levada por nova torrente,  
Haustos sorve de vida auroral :  
Tem a terra ante si dilatada,  
Tem o céo brasileiro o mais puro...  
Como é grande o seu grande futuro,  
Liberdade, ao teu grande ideal!..

Furacões de jasmins e açucenas,  
Céus, que arranco dos céus aos pedaços,  
Sóes inquietos, que prendo em meus braços,  
Igneas rosas, cecens da manhã,  
Veigas d'oiro em retalhos trazendo  
Rios d'oiro em dous dedos de matta...  
O meu hymno isto tudo desata  
A teus pés, patria minha louçã

Sim! é livre o Brasil!... E ainda hontem  
Libertado do escravo, se ouvia  
Louco brado de louca alegria  
Soar no mundo:— essa nodoa era vil,  
Larga, extensa, profunda, horrorosa!...  
A dos reis, mais hedionda, restava!  
Bravo á terra não delles escrava!...  
Bravo! Bravo!... Está livre o Brasil.—

LUIZ DELFINO.



D. F. S. C.  
BIBLIOTECA CENTRAL